

Que seres (humanos) somos nós?

“Não sabemos tudo de tudo; sabemos um pouco de muitas coisas. Assim, temos muito a aprender e algo a ensinar...”

*Por Geraldo Afonso da Cunha**

Após refletir e muito observar ao longo da vida, nomeadamente nos últimos 30 dos quase 60 anos que venho perambulando por esse Mundo de meu Deus, pude fazer algumas constatações sobre o nosso proceder, ou, mais precisamente, sobre o proceder dos *humanos* em variadas situações. Procuo sempre confrontar essas constatações com leituras que fiz e com reportagens que vi e vejo, como também com documentários que desde há muito se imiscuíram em meus hábitos cotidianos.

Em face do que vou descortinar, devo adiantar aos que me leem que não vou escrever sobre atributos saudáveis que temos. Mas não escrevo com o propósito de revelar o sexo dos anjos ou qualquer *ineditismo*. Estes escritos narram aspectos relativos ao nosso *viver em sociedade*. Nada de incomum para seres *inteligentes*, ou seja, para todos nós. Portanto, caro(a) leitor(a), é possível que estes escritos não lhes revelarão nenhum ‘achado’, descoberta ou invento. Pode ser que ‘nada lhe diga respeito’, mas como são tão poucas linhas, tente chegar ao fim.

O comportamento humano sempre se pautou por desvios de conduta em face do que preceitua o mundo do *dever-ser*. Esse ‘mundo’ é aquele pautado pelo melhor comportamento que desde sempre se esperou de cada um, perante si mesmo e perante o outro. Mas esse ‘*tal dever-ser*’, que desenha um *mundo ideal* para os mortais, ‘edificado’ que foi durante *hiatos da racionalidade humana*, é um *dever-ser que nunca foi e nunca o será...*

Sigamos em frente com os “meus achados” que nunca foram perdidos...

Quando reparamos nos espaços em que vivemos, trabalhamos ou frequentamos se observarmos com ‘olhos de ver’, assistiremos passar em nossa mente, como se num enorme *ecrã*, *algumas virtudes e muitas mazelas humanas*. Dentre estas muitas, veremos ‘desfilar’ a *inveja*, o *ódio pelo semelhante*, o *desprezo pelos desafortunados*, a *maldade*, a *sede de poder*, e, sobretudo, constataremos que ‘*poucos têm tanto e muitos nada têm*’: sempre queremos mais e mais, pois a regra é a de sermos apegados às coisas materiais... Foi sempre assim! Acredito que isso perdurará até o derradeiro dia em que a raça humana estiver por aqui.

Não posso olvidar as *qualidades* de cada um e muito menos a de todos, mas chego a pensar que essas estão aquém dos nossos tantos *defeitos*... E olhe que muitos deles são *cruéis*, *mesquinhos* e umbilicalmente atrelados a práticas *hediondas*. Nesse sentido, penso que a *inveja* e o desejo de *males diversos* ao próximo constituem a *regra geral* do viver humano. É óbvio que *há exceções* e você que se arriscou a continuar a ler-me pode muito bem ser uma pessoa diferente e ser uma exceção da *malograda regra geral*.

Nesse contexto, um exemplo: quando nos encontramos com alguém que conhecemos, mesmo um parente que há muito não vemos, não queremos que ele nos diga que *está feliz*, que *está saudável*, que *está bem no trabalho*, que *comprou um carro novo*, que *está em paz com a família* etc... Queremos é que fale que *está triste*, *doente*, que *foi demitido do emprego*, que *teve que ‘fazer dinheiro’ do seu carro velho*, que *brigou com a mulher ou a deixou* e/ou que esteja passando ou sofrendo com outros *infortúnios*.

* Texto elaborado em Lisboa, 20 de junho de 2017. O autor é brasileiro, Advogado, Especialista em Segurança Pública, Mestre em Direito e doutorando em Direito e Segurança na Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa/Portugal.

No entanto, vou sublinhar [nem precisava] que penso existir uma forte tendência de nos interessar mais pela *desgraça, pelo infortúnio* do que pela *felicidade* dos que nos cercam. É fácil perceber que isso ocorre em maior escala em relação às pessoas que conhecemos e que fazem parte do nosso ambiente. Para mexermos com esse nosso ‘predicado’, estando vivendo num dos *hiatos da nossa racionalidade*, o mais correto seria desejarmos *felicidade, sucesso, sorte, saúde e segurança* para os que nos cercam, pois é isto que almejamos sempre para nós: não deveríamos desejar o contrário para os outros. Entanto, o egoísmo sempre entra em cena e tendemos a nos sentir mal quando nossos ‘amigos’, colegas ou ‘parentes’ nos contam ou quando ficamos sabendo que eles estão bem, que venceram uma batalha etc. Isso me leva a acreditar que de fato queremos mesmo é a *infelicidade* dessas pessoas e que elas sejam ou estejam em piores condições que as nossas. E mais: isto ocorre até mesmo em relação às pessoas que costumamos dizer que nos “são mais caras”, “que mais amamos” ou com certos *parentes próximos* e ‘*amigos do peito*’.

Sinto-me desconfortável com tudo isso! Não queria ver *dolo* nessas condutas humanas, mas em regra somos mesmo assim! Esses ‘desvios’ costumam nos perseguir a todos! O pior de tudo é quando, de qualquer forma ou meio, constatamos que esses desvios existem até mesmo entre *pais e filhos, maridos e esposas, companheiros(as) e companheiros(as)*. Ainda bem que esses últimos casos, pelo que tenho percebido, **NÃO** se enquadram na *regra geral*, são *exceções*. Melhor assim!

Em verdade, sinto que esses desvios ocorrem por parte da imensa maioria das pessoas que convivem em sociedade, tanto “*na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê*”, quanto nas relações de vizinhança, nos bares da vida onde tomamos nossas ‘biritas’, nas ‘peladas de futebol’ com os ‘amigos’, etc. É preciso entender que esse nosso modo (grotesco e cruel) de ser é comum, parece-nos inato e que tudo isso ocorre com praticamente todas as gentes, numa verdadeira simbiose.

Os seres humanos, ou melhor, *todos nós*, em maior ou menor medida, somos mesmo *egoístas, covardes e extremamente interesseiros!* Ora, somos até capazes de matar o outro, de praticar os mais variados tipos de horrores e barbáries contra ele por motivos mezinhos ou até sem motivo algum... Pense na crueldade da maioria dos criminosos e, mais ainda, dos *terroristas*: eles praticam seus atos contra pessoas que sequer conhecem e chegam ao autoextermínio *em nome de Deus*. *Será mesmo que Deus quer que alguém morra e mate pessoas em seu nome? O que mais podemos esperar desse ser que se diz inteligente e generoso e solidário com os semelhantes? Desse ser que sempre clamou pelo respeito à sua dignidade e que um dia chegou até proclamar uma série de direitos universais para proteger tal dignidade? Desse mesmo ser que fez e continua fazendo guerras e matando e fazendo sofrer em troca de pouco ou de sabe-se lá o quê?*

Diante desse cenário, sou obrigado a crer que a *maldade humana* não pode ser fruto da *razão!* Ela reside na *irracionalidade!* Acabo por inferir *que somos animais racionais e irracionais* ao mesmo tempo... E dizem que só usamos [ainda] 10% da nossa capacidade mental... Acho que é preciso se redefinir o ser humano sob essa ótica, abordando também a sua irracionalidade. A história da humanidade sempre foi marcada pela violência, pela guerra e pela maldade de muitos contra e para com muitos de seus semelhantes. Não há como acreditar num *Mundo perfeito*, este não é o ‘*Mundo dos humanos*’: a perfeição pertence ao *Criador*, mas suas *criaturas* não beberam da fonte da perfeição... *A contrario sensu*, o *Criador* ‘instalou’ mazelas nas suas mentes e as fez ‘viralizar’ e ‘contaminar’ toda a sua espécie...

Importa frisar também que o viver humano se estriba na invariável regra da ‘troca de favores’... É bem verdade que na imensa maioria dos casos, quando fazemos ‘favores’ ou alguma ‘gentileza’ a alguém, o fazemos com o firme propósito de que ‘esse alguém’ tem algo a nos dar ou presentear ou a nos garantir em contrapartida noutras ocasiões. Sinto asco desse ‘jogo de interesses’, desse ‘jogo sujo’!

Vejo que o pensador inglês *Thomas Hobbes (1588-1679)* acertou quando em seu *Leviatã* disse que o “*homem é o lobo do homem*”. E mais, esta imortal afirmação de *Hobbes* em muito se amolda nesse meu discurso... Mesmo quando em sociedade acreditamos não estar ‘em guerra’, é comum querermos derrotar as pessoas, quaisquer delas. No mesmo rumo de *Hobbes* segue o Professor e Historiador brasileiro *Leandro Karnal*, para quem “*A violência é o eixo definidor das nossas relações. Ela foge ao controle e acha novas formas de se manifestar com a mesma engenhosidade com que buscamos limites à destruição*”.

Na verdade, normalmente nos interessamos, *sim*, pela derrocada de muitos outros! Tenho pra mim que a (cruel) sociedade humana, desde que existe, tem a ‘*guerra de cada um contra cada um*’ como normal: foi sempre assim, então pra que mudar... Não posso deixar de *destacar e negritar*, mais uma vez, que ***este meu pensar é em face da imensa maioria das pessoas; em tudo SEMPRE HÁ EXCEÇÕES...*** Talvez você seja uma dessas exceções e desde logo merece ser *laureado*, mas esse cenário se aplica aos outros: aos tantos e tantos que estão no *grande rol* da tão falada *regra geral!*

O ser humano é um ser *errante por natureza!* Fomos feitos assim pelo Criador, aliás, consta nas Escrituras Sagradas que “*o Filho de Deus se fez homem e habitou entre nós*”... Por ser homem, foi também errante e pagou caro por seus erros: foi condenado à pena capital por contrariar interesses políticos do Império dos Césares.

Outro fato curioso é a nossa mania de [pensar] que somos ‘o melhor de todos’, que somos *heróis*, que estamos *sempre* certos! O **NOSSO** sempre é melhor que o do outro e somos os melhores dentre todos! Poucos são os que têm a *virtude* de reconhecer o seu erro, de se reconhecer como *errante por natureza* e pedir desculpas por conta dessa *pecha humana* que carregam...

A situação em discurso é tão frequente entre os humanos que tenho ousado desafiar as pessoas a me dizerem *quantas vezes já morreram em seus sonhos*. Ora, sabemos que nunca morremos em nossos sonhos! Quando estamos prestes a morrer simplesmente **ACORDAMOS...** Continuamos heróis e estes são imortais!

Caro(a) leitor(a)!

Saiba bem que estes traços são realísticos e característicos do modo de viver da imensa maioria dos seres humanos. Esses traços são *desnudados* neste texto com o (firme) propósito de sensibilizá-lo e fazê-lo refletir sobre você mesmo em face desses... Se acaso você se sentir ‘*excluído*’, desde logo aceite os meus parabéns, pois você está inserto numa ínfima parcela de pessoas que são exceções à regra geral. Nós somos assim, mas penso que podemos melhorar... Penso que só conseguiremos alguma melhora a partir do momento em que reconhecermos nossos defeitos, [ao menos] mitigarmos a nossa arrogância, abdicarmos do nosso falso heroísmo e, sobretudo, ter firme na mente a *certeza* de que ninguém é dono da verdade, melhor que os outros e que não sabemos tudo de tudo; sabemos um pouco de muitas coisas. Assim, temos muito a aprender e algo a ensinar...

Estas são revelações feitas por esse *humano* que está em luta contra o “seu” “super-herói” e que já obteve algum resultado: já sabe da sua falibilidade, da sua insignificância diante de tudo e de todos e desde há muito sabe que “nada sabe” diante da infinitude do conhecimento...

Que todos sejamos capazes de nos reconhecermos como verdadeiramente *humanos racionais*, animais falíveis, mortais e errantes por natureza...

Declaro que o texto acima é da minha autoria e que sou responsável por todo o seu conteúdo.